

UMA IMERSÃO TORCEDORA NO MOVIMENTO 105 MINUTOS

Mauro Lúcio Maciel Júnior¹

Helder Ferreira Isayama²

Resumo: Partindo de compreensões acerca da diversidade de manifestações que permeiam o universo dos torcedores de futebol, pretendemos, com o presente artigo, discutir características do torcer de uma organizada denominada Movimento 105 Minutos. Para tanto, buscamos compreender sua história, as referências utilizadas em sua construção e os elementos que unem diferentes sujeitos em torno de um determinado modo de viver a paixão clubística. Durante oito meses de convívio com o grupo, percebemos que essa instituição possui formas características de manifestar o torcer, visto que se inspira em coletivos chamados de *barras* ou *hinchadas*, presentes de forma mais representativa em outros países da América Latina. Combinando essas influências com características das torcidas organizadas brasileiras, o Movimento 105 se constitui em torno de ideais de amor e apoio incondicional ao Atlético, que se refletem no comprometimento de seus integrantes com o grupo e na estética do torcer manifestada nas arquibancadas.

Palavras-chave: futebol; torcer; lazer; sociabilidade.

A fan immersion into the movement 105 minutes

Abstract: Starting from understandings about the diversity of manifestations that permeate the universe of soccer fans, with this article we intend to discuss the characteristics of the cheering of an initiative called Movimento 105 Minutos. Therefore, we seek to understand its history, the references used in its construction and the elements that unite different subjects around a certain way of living club passion. During eight months of coexistence with the group, we realized that this institution has characteristic ways of manifesting cheering, since it is inspired by collectives called *barras* or *hinchadas*, present in a more representative way in other Latin American countries. Combining these influences with characteristics of brasilian organized fans, the Movimento 105 is built around the ideals of love and unconditional support for Atlético, which are reflected in the commitment of its members to the group and in the aesthetics of cheering manifested in the stands.

Keywords: soccer; support; leisure; sociability.

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Campus Divinópolis.
Email.: maurolmj9@hotmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: helderisayama@yahoo.com.br

Introdução

Dia de jogo do Atlético em Belo Horizonte. O horário da partida se aproxima e uma movimentação diferente começa a tomar as ruas e avenidas no entorno da Arena Independência. Localizada no bairro do Horto, na região leste da capital mineira, essa é uma das denominações atualmente utilizadas para se referir ao antigo Estádio Raimundo Sampaio Correia. Construído entre os anos de 1948 e 1950, ele foi projetado com o intuito de ser um dos principais palcos para a prática do futebol no estado de Minas Gerais (SOUZA NETO, 2017).

Situado em uma área residencial da capital mineira, o novo Independência está cercado por edificações antigas, instaladas em ruas estreitas e marcadas por acentuados aclives no caminho que leva aos seus portões de acesso. Fosse nos dias atuais, dificilmente aquele seria um terreno escolhido para erguer um equipamento de lazer destinado a abrigar jogos de futebol. Quando se observa a dinâmica de uso desse espaço, entretanto, tais questões parecem não incomodar os indivíduos que vão ao estádio para acompanhar suas equipes. É o caso, por exemplo, dos torcedores do Clube Atlético Mineiro.

Tendo escolhido o Independência como sede da maioria de suas partidas desde o ano de 2012, o Atlético acabou fazendo com que sua torcida criasse um vínculo especial com o local. Anteriormente acostumados com o Mineirão, os atleticanos se apropriaram do novo estádio e fizeram dele um componente fundamental em conquistas importantes da história recente do clube.

Para além da comunhão entre time e torcida, notada na sintonia entre o campo e as arquibancadas, há de se destacar as adaptações dos torcedores ao espaço urbano que envolve a arena. Conhecendo a dinâmica da cidade de Belo Horizonte, é notável a transformação do movimento nas proximidades do bairro do Horto em dias de jogos do Atlético. Independentemente da data e do horário da partida, horas antes de seu início, indivíduos vestidos com suas camisas preto e brancas passam a transitar e a se agrupar em diversos pontos nas proximidades do estádio.

Tomados por um misto de alegria e expectativa, esses sujeitos vivenciam momentos de intensa socialização. O período que antecede ao início das partidas é, assim, marcado pelo estabelecimento de relações interpessoais, acompanhadas pelo consumo de comidas e bebidas típicas dos estádios mineiros. Por todas as

partes, pelas ruas e avenidas nas proximidades do Independência, pode-se notar a presença de aglomerações em torno de vendedores ambulantes, bares e *trailers*, com pessoas em busca de uma latinha de cerveja, um refrigerante, uma garrafa de água, um churrasquinho ou um prato de feijão tropeiro.

Entre bebidas e aperitivos, é comum observar ruidosas conversas nas quais o Galo é, quase sempre, o assunto principal. Nesses diálogos, as expectativas em relação à partida se unem à situação do Atlético no campeonato e às lembranças de jogos anteriores, formando a base dos assuntos tratados naqueles momentos. Em meio a tudo isso, circulam, também, conversações ligadas à vida pessoal e profissional dos torcedores. Tendo em vista as atribulações e os distanciamentos impostos aos indivíduos em decorrência das exigências da vida cotidiana, ter um ambiente descontraído para encontrar e reencontrar pessoas, é mais um atrativo inerente à opção por vivenciar esse tipo de experiência de lazer.

Dentre outras coisas, a observação desses fenômenos mostra como torcer por um clube de futebol guarda proximidades com uma participação ativa na vida social (Damo, 1998). Intrinsecamente relacionado à cultura dos meios em que se insere, esse esporte é mais um elemento a compor as redes de significados que compõem as experiências, não apenas dos torcedores, mas de toda uma comunidade ao seu redor.

Basta um olhar atento pelos entornos do Independência, para notar que a população local também se insere na dinâmica produzida pelos jogos. Atores importantes no cenário que caracteriza as partidas do Atlético, os moradores do bairro do Horto parecem incorporar esses eventos à ordem de suas vidas. Simpáticos ou não à equipe alvinegra, eles se apropriam das partidas de diferentes formas, revelando as variadas relações desse esporte com as múltiplas dimensões da vida humana.

Assim, enquanto alguns optam por estenderem bandeiras nas varandas de casa, outros acenam e observam o público nas ruas, havendo, até mesmo, aqueles que aproveitam a oportunidade para obter uma renda extra, abrindo suas garagens para que elas sirvam de estacionamentos, bares ou lojas de artigos esportivos.

Sobre isso, é necessário ressaltar que, apesar dos torcedores formarem um todo muitas vezes visto como homogêneo, eles são componentes de uma

comunidade diversa, em meio à qual cada indivíduo detém interesses, motivações e histórias de vida distintas. Em que pesem as congruências em relação a algumas práticas e interesses, esses seres vivenciam, cada qual à sua maneira, modos particulares de se manifestarem como atleticanos e apreciadores do futebol. Como consequência, entendemos que os sujeitos que compõem esse estudo, possuem diferentes maneiras de se inserirem nas experiências relacionadas ao estádio e nas formas de integrarem o Atlético aos seus momentos de lazer.

É a partir dessa compreensão que abordaremos, no presente artigo, as vivências dos integrantes de uma determinada torcida organizada do Galo. Conhecida pelo nome de Movimento 105 Minutos, essa instituição é notada, desde seu surgimento, por possuir modos característicos de manifestar o torcer, visto que se inspira em coletivos de torcedores presentes em outros países da América Latina, chamados de *barras* ou *hinchadas*.

Conhecidas, dentre outras coisas, por suas características festivas e pelo envolvimento em ações violentas, as agremiações que serviram de base para a formação do Movimento 105, possuem aproximações e distanciamentos com as torcidas organizadas tradicionalmente presentes no Brasil. É assim que, através de um processo de imersão junto à instituição mencionada, objetivamos discutir as características do torcer de um grupo que, dentro do contexto brasileiro, se propõe a ser a *barra*³ do Clube Atlético Mineiro.

Para tanto, nos dedicamos a produzir um conjunto de conhecimentos acerca desse coletivo, buscando compreender sua história, as influências utilizadas em sua construção e os elementos que unem diferentes sujeitos em torno de um modo de torcer. A partir disso, tentamos entender a dinâmica de funcionamento da torcida, sua organização interna e a atuação nos dias de jogos, o que se deu através de nossa participação em experiências antes, durante e depois das partidas.

³ *Barra*, *barra brava*, *hinchada* ou *banda* são denominações utilizadas como sinônimos, para representar um tipo de torcida que possui presença marcante em diversos países da antiga América Hispânica, como Argentina, Uruguai e Colômbia.

Procedimentos metodológicos

Com vistas a atender às metas propostas, desenvolvemos um trabalho de campo que se estendeu ao longo dos meses de abril e dezembro de 2018. Marcado por vivências dentro e fora do Independência, esse processo envolveu a participação em 16 partidas com o grupamento estudado e foi dividido em dois momentos distintos: o primeiro referente a uma fase exploratória da pesquisa e o segundo relativo à efetiva produção dos dados.

Utilizado para conhecer melhor os torcedores e obter legitimidade junto ao grupo, o período inicial do trabalho foi percorrido a partir de nossa presença em oito partidas do Atlético: sete na Arena Independência e uma na cidade de São Paulo. Tais experiências foram cruciais para o estabelecimento de vínculos com os integrantes do Movimento 105, bem como para a obtenção de entendimentos que formaram a base de nosso fazer investigativo. Na etapa seguinte, partimos para um processo sistemático de construção dos dados, com a realização de entrevistas semiestruturadas, o desenvolvimento de observações participantes e a descrição dos fatos observados em um diário de campo.

A escolha dos sujeitos participantes, por sua vez, se baseou no nível de contato estabelecido com os membros da torcida, na observação da frequência dos torcedores nos jogos e em percepções sobre a representatividade e a atuação de cada indivíduo no interior do grupo. A partir desses critérios, dez integrantes foram selecionados, sendo oito do sexo masculino e dois do sexo feminino, a fim de mantermos uma proporção próxima àquela encontrada entre homens e mulheres no interior do 105. Para preservar o anonimato desses sujeitos, ao longo do texto suas falas foram demarcadas por um código formado pela letra “T” seguido de hífen e um número de identificação, escolhido aleatoriamente dentro do intervalo de 1 a 10 (exs.: T-1, T-4, T-6, T-10).

No que diz respeito às observações, todas realizadas em dias de jogos, buscamos construir e fortalecer conexões com os integrantes do grupo, ao mesmo tempo em que nos mantínhamos atentos às relações e acontecimentos presentes no ambiente onde a pesquisa era feita. Com a finalidade de ter uma experiência mais próxima aos integrantes da torcida, as anotações foram feitas posteriormente às partidas, por meio do preenchimento de um relatório de observação, em um prazo máximo de dois dias após o evento. Guiados pelos

elementos presentes nesse instrumento, nos colocamos a observar tanto o ambiente que cercava os jogos, fazendo constatações sobre o movimento do público em geral, quanto os comportamentos dos torcedores, com atenção especial aos integrantes do Movimento 105.

Cabe dizer que, a materialização dessas ações, contou com nossa atenção àquilo que Magnani (2003) diz sobre a necessidade de tomar precauções com a utilização de ideias preconcebidas. Em ocasiões nas quais o objeto investigado é familiar aos pesquisadores, como no caso desse estudo, é preciso desenvolver um treinamento do olhar para buscar estranhamentos sobre o que é observado.

Para tanto, ao nos inserirmos no grupo e elaborarmos as descrições, procuramos seguir orientações retiradas do trabalho seminal de Malinowski (1978), notadamente no que se refere ao compromisso com as investigações científicas e metódicas. Tendo essa referência, optamos por desenvolver uma análise a partir do que Magnani (2016) denominou de um olhar “de perto e de dentro”, combinando-o à nossa intenção de identificar, descrever e analisar os padrões de comportamentos dos diferentes atores sociais que vivenciam o torcer no contexto de uma torcida organizada.

As origens do Movimento 105: surgimento, referências e elementos que compõem um ideário sobre o torcer

Criado no ano 2006, o Movimento 105 Minutos teve, desde seus primórdios, a intenção de ocupar um espaço particular em meio à torcida do Atlético. Surgido em um momento em que a equipe alvinegra disputou, pela única vez em sua história, a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol, o grupo formado por seus idealizadores tinha o desejo de trazer uma motivação nova aos torcedores atleticanos, resgatando aquela que seria uma de suas principais características: o apoio incondicional ao Galo.

Para tanto, não pretendiam dar início a um grupo que se assemelhasse a grande parte das torcidas organizadas existentes. Em suas aspirações, o que esses torcedores ambicionavam formar, era algo que fosse a representação de “um movimento, um grupo, uma família de atleticanos” (T-7) que teria como objetivo comparecer ao estádio e apoiar sua equipe durante todos os instantes da partida. Estava colocado, assim, o ideal que serviria de inspiração para a escolha do nome

“Movimento 105 Minutos”: a união de torcedores dispostos a cantar pelo Atlético ininterruptamente, ao longo dos 90 minutos de jogo e dos 15 de intervalo.

Sem fazer diferenciações sobre seus membros, esse grupo deveria representar um coletivo cujos únicos requisitos para a permanência, seriam o amor e a dedicação ao Clube Atlético Mineiro. Como consequência, a torcida não seria instituída a partir de um modelo estrutural com funções e hierarquias rigidamente definidas. Estabelecer uma burocracia com presidente, conselho deliberativo e diretores, tal como presente em parte das organizadas brasileiras (TOLEDO 1996; LOPES; CORDEIRO, 2010), não se colocava entre as pretensões dos fundadores do Movimento 105.

Mais importante do que a definição formal de cargos e funções entre seus membros, era contar com a entrega, o comprometimento e a dedicação dos integrantes, a fim de tornar real a construção do grupo. Nos primórdios dessa torcida, cada pessoa contribuía com as ações que estavam ao seu alcance e, a partir da união de esforços, foi se formando um espírito de cooperação que, ainda hoje, se faz presente entre seus membros.

Tendo como inspiração determinados entendimentos sobre as *barras* ou *hinchadas*, sobretudo daquelas presentes na Argentina, esses torcedores buscavam definir as características do grupo nascente. Celebradas como associações capazes de carregar princípios de “apoio incondicional ao time” e de “canto coletivo ininterrupto ao longo do jogo, independente do resultado adverso ou favorável” (HOLLANDA, 2009, p. 5), essas organizações tiveram um papel decisivo no estabelecimento do modo de ser do Movimento 105.

Com origens que remontam a meados da década de 1960, as *barras* argentinas emergiram em um momento histórico marcado pela presença da violência política naquele país (Alabarces *et al.*, 2000). Ao exercerem relações que extrapolavam os limites internos do futebol, esses grupamentos se desenvolveram ao longo dos anos e passaram a ser reconhecidos em várias partes do mundo. Mobilizando sentimentos como a paixão, o medo, a admiração e a curiosidade em um contingente significativo de pessoas, tais grupos chegaram à contemporaneidade exercendo papéis importantes nos diferentes meios em que se inserem.

Nesse contexto, o conceito de *aguante* se torna fundamental para a compreensão do modo de organização torcedora em questão. Segundo Alabarces, Zucal e Moreira (2008), *aguantar* se refere a dar suporte, a apoiar e ser solidário ao clube. Na cultura do futebol argentino, isso pode ser visto através de diferentes formas de colocar o corpo em ação. Uma dessas formas, remete aos esforços e à intensidade de apoio ou de *alento* à equipe, não importando a fase esportiva ou as dificuldades para se fazer presente nos estádios. E outra forma, que apresenta o sentido dominante da palavra, remete à disposição para os confrontos físicos. Em virtude dessa característica, os *aguantes* ou *hinchas aguantadores* são reconhecidos e respeitados dentro das *barras*, em virtude de sua disposição para aceitar o desafio da luta corporal, demonstrando bravura, valentia e coragem (Alabarces; Zucal; Moreira, 2008).

Para além do embelezamento dos estádios e do envolvimento em brigas com grupos de torcedores rivais, os *barras* ou *hinchas*, como também são chamados seus integrantes, costumam possuir influências em ambientes que incluem, desde os núcleos administrativos dos clubes, até as instituições políticas e judiciais do país (GRABIA, 2012). Analisando especificamente a realidade do Movimento 105, no entanto, a situação apresenta algumas diferenças em relação ao cenário descrito.

Sem desenvolver essa rede de interações fora do âmbito esportivo, os fundadores desse grupo se ativeram em buscar, nas formas de apoiar o Atlético, as principais referências provenientes das *barras*. Com atenção especial aos comportamentos, aos cânticos, aos gestos e aos materiais utilizados nas arquibancadas, esses sujeitos foram pioneiros dentro do estado de Minas Gerais, ao trazerem para a torcida atleticana uma influência que vinha se propagando em diferentes partes do Brasil.

Tal como dito por Buarque de Hollanda (2009, p. 5), as *barras* começaram a se estabelecer em território nacional a partir de influências do “modo de torcer de algumas ‘hinchadas’ argentinas”, inicialmente através de grupos situados na fronteira com o Rio Grande do Sul e, posteriormente, se expandindo para outras partes do país. De forma mais precisa, a difusão dessas torcidas é um fenômeno que ganha amplitude a partir do início do século atual, com a fundação da torcida Geral do Grêmio no ano de 2001.

Dentro de um contexto favorável ao intercâmbio de pessoas e informações, em virtude do desenvolvimento tecnológico, do crescimento econômico e do aumento do poder aquisitivo da população brasileira, esse modelo foi se disseminando por outros estados e conquistando adeptos entre torcedores dos principais clubes do país. Com a ampliação das trocas culturais, proporcionadas tanto por viagens, quanto pelo acesso à televisão e o advento das redes sociais, maiores foram se tornando os conhecimentos do público acerca do futebol em outras localidades.

Assim, a construção dos modos de ser das *barras* brasileiras é marcada pela interação entre compreensões sobre o torcer em diferentes países. Dadas as condições apresentadas pelo futebol brasileiro, onde há mais de 40 anos predomina a experiência coletiva proporcionada pelas torcidas organizadas, é possível dizer que as características definidoras das *hinchadas* aqui estabelecidas, guardam, também, relações diretas com as formas de manifestação presentes nessas organizações nacionais.

Dentro do grupo de formação do 105, havia alguns torcedores que tinham esse conhecimento sobre as *barras* e daí eles começaram a trazer algumas ideias para a construção da identidade da torcida. Dentro daquele ideal de resgatar uma essência do atletismo de torcer, a gente passou a ver coisas nessas torcidas que se enquadravam no nosso ideal. A questão de cantar o tempo todo, o efeito visual das festas nos estádios, unindo as pessoas. Era parecido com o que a gente queria ter de volta na torcida do Atlético. Então essas pessoas começaram a trazer algumas coisas, os materiais, os instrumentos pra caracterizar a torcida e foi formando essa aproximação, a partir de adaptações à nossa realidade (T-9).

Produzidos no contexto das entrevistas realizadas com os integrantes do Movimento 105 Minutos, tais depoimentos, além de mostrarem algumas das influências proporcionadas pelas *barras* e torcidas organizadas no modo de torcer do grupo, abrem espaço para revelar a importância que determinados artigos possuem no ideário que une seus membros. Na intenção de expressar amor e devoção ao Atlético, os membros dessa torcida compartilham um modo de torcer que se materializa através das músicas cantadas, das atitudes desenvolvidas nas arquibancadas e dos materiais levados para os jogos.

A partir das vivências com esse grupo, pudemos perceber que as singularidades apresentadas pelo modo de torcer da *barra* do Galo podem ser observadas, sobretudo, em função de uma estética do torcer. Caracterizada pelas

maneiras utilizadas para dar vazão aos sentimentos citados, essa forma de manifestar compreende desde a escolha e apropriação dos materiais utilizados, até a frequência e as ações dos torcedores durante os jogos.

Na efetivação desse processo, os integrantes do 105 buscam, então, se aproximarem de imagens e ideias que possuem sobre os *barras* ou *hinchas* de países vizinhos. Indo de encontro àquilo que Alabarces, Zucal e Moreira (2008) falam sobre esses torcedores, é possível perceber entre os sujeitos estudados, a manifestação de falas e atitudes que lhes colocam como apoiadores fanáticos, que acompanham sempre o Galo e que se consideram responsáveis pela realização das festas nas arquibancadas.

Para mim, ser do Movimento 105 é fazer parte de uma torcida que canta o tempo inteiro, que vai aos jogos e que mostra seu amor pelo clube em qualquer situação. Acho que é isso que nos move, que faz a gente ficar juntos, construir as amizades e sentir essa alegria de estar na arquibancada pra apoiar o Atlético (T-10).

Partindo desses pensamentos, o Movimento 105 adquire sua legitimidade ao reunir, sistematicamente, um grupo de pessoas dispostas a comparecer a todos os jogos do Atlético como mandante. No cumprimento dessa tarefa, carregam sempre consigo os artefatos visuais que decoram e demarcam visualmente o espaço que ocupam, além dos instrumentos sonoros que se fazem ouvir de qualquer região do estádio.

Foi dessa forma que, desde os primórdios do 105, os fundadores da torcida conseguiram apresentar um estilo diferente de torcer, introduzindo uma série de novidades em relação àquilo que era comumente encontrado no futebol mineiro. As barras (faixas verticais nas cores do clube), os trapos (pequenas bandeiras feitas à mão por cada integrante), as bandeirolas (bandeiras pequenas, de mão), os pratos e, posteriormente, a murga (bumbo com prato) e o trompete (comum nas charangas, mas pouco utilizado pelas organizadas), juntaram-se, assim, às faixas, bandeiras, bandeirões, surdos, caixas e repiques presentes em grande parte das torcidas organizadas brasileiras.

Caracterizando seu território com materiais diferentes daqueles utilizados por outras organizadas, a *barras* atleticana pode ser vista nas arquibancadas independentemente da região em que se esteja no estádio. Da mesma forma, ao utilizar seus instrumentos com a cadência típica dos cânticos que ecoam nos

campos de diferentes países da América Latina, o Movimento 105 também se diferencia pelos sons e gestos utilizados para apoiar o Galo.

Valendo-se de canções tocadas com tempos mais longos, quando comparadas ao andamento das músicas emitidas pelas torcidas organizadas brasileiras, esses torcedores conseguem manter seus gritos de apoio durante 105 minutos que compreendem uma partida. De modo complementar, se caracterizam, também, pelo movimento ritmado de braços utilizado para acompanhar os cânticos, e pelas letras das composições, focadas, sobretudo, no apoio ao Atlético.

O funcionamento da *barra* do Galo: perfil dos integrantes e organização interna

Com cerca de 120 integrantes, o Movimento 105 possui uma predominância de membros do sexo masculino em sua composição. Caracterizados por apresentarem um perfil jovem, esses sujeitos possuem, em sua maioria, idades inferiores aos 30 anos, proporcionando uma aproximação entre o perfil desses torcedores e aquele traçado por diferentes estudos sobre torcidas organizadas.

Analisando produções como as de Toledo (1996) e Teixeira (1998), é possível perceber elementos que permitem caracterizar esses grupamentos como sendo, predominantemente, masculinos e juvenis. Para além das impressões captadas pelas observações e pela identificação de proximidades com achados de outros autores, estes são aspectos visualizados nas falas dos próprios integrantes da torcida:

Hoje em dia, eu participo da diretoria do Movimento 105. Eu tô presente na organização de caravanas e coordeno a parte das ações sociais da torcida. E além disso, eu também toco na banda, que também não é algo comum entre mulheres de outras torcidas. (...) Por ser mulher e ter essas funções, eu acredito que tenho um papel de ser exemplo pra outras meninas. Tem torcida que não deixa as meninas viajarem, o que dirá de ter a responsabilidade de organizar uma caravana. (...) Mas eu vejo isso no 105 como algo muito tranquilo, pelo respeito que todo mundo tem entre si. E dentro da própria torcida eu incentivo a entrada de outras mulheres, chamo mais meninas pra tocarem na banda e é assim eu procuro seguir (T-10).

Quando eu entrei na torcida, eu era o mais novo e fui muito bem acolhido pelos integrantes que estavam lá. (...) E com o passar do tempo, algumas dessas pessoas tiveram que se afastar um pouco, por

questões de trabalho, família e, naturalmente, foi acontecendo de ganhar um espaço maior, de ter mais responsabilidades (T-7).

Respectivamente ditas por uma torcedora e por um torcedor que fazem parte do Movimento 105, essas falas corroboram afirmações sobre o perfil predominantemente masculino e juvenil apresentado pelo grupo. No que se refere ao gênero, isso pode ser percebido na produção discursiva da torcedora, capaz de revelar um modo de ação militante, exercido por alguém que atua em um espaço onde a presença e a participação ativa das mulheres não são vistas como algo comum. Nesse sentido, ainda que coloque que no 105 existam condições “tranquilas” para que isso aconteça, é possível perceber que também não há uma equidade de gênero na torcida da qual essa torcedora faz parte.

Tendo isso em vista, vale destacar que a predominância masculina extrapola a questão numérica e se materializa nas diferentes formas como homens e mulheres são enxergados e tratados nos estádios. Nas observações de campo notamos, por exemplo, que aos homens era permitido que circulassem sozinhos ou acompanhados naquele espaço, sem que nenhum tipo de importunação lhes acontecesse. Para as mulheres, entretanto, situações envolvendo assédio e/ou comentários depreciativos foram percebidas em diferentes jogos e circunstâncias, mostrando que, dentre os conteúdos ensinados, aprendidos e reproduzidos nos estádios de futebol, a masculinidade se coloca como um dos preponderantes (Bandeira, 2013).

Em outra direção, no que diz respeito à faixa etária dos integrantes, a enunciação do torcedor revela a existência de um espaço que permite, aos poucos, o protagonismo de pessoas mais jovens. De forma mais explícita, isso pode ser visto na menção à ocorrência de um movimento de renovação no Movimento 105, segundo o qual, à medida que obrigações da vida adulta foram se fazendo mais presentes no cotidiano de torcedores mais antigos, esses sujeitos foram deixando o grupo e abrindo espaço para o reconhecimento dos mais jovens. Juntos, tais enunciados se fazem importantes para compreender a configuração e a dinâmica interna da *barra* atleticana.

Adicionalmente, tomando por base um somatório de percepções acumuladas durante o desenvolvimento dessa pesquisa, cabe afirmar que a maioria dos integrantes do Movimento 105 não se encaixa em um perfil periférico

tradicionalmente atribuído aos torcedores organizados. Ainda que isso não signifique que essa seja uma torcida formada majoritariamente por indivíduos de alto padrão socioeconômico, é possível dizer que muitos de seus integrantes se enquadram em um estrato de classe média, com oportunidades de acesso à educação formal e à inserção no mercado de consumo.

Partindo das informações extraídas de forma direta através das entrevistas, chama a atenção o fato de que, entre esses indivíduos, apenas um torcedor não havia concluído ou estava cursando o Ensino Superior, o que pode ser explicado pelo fato desse integrante ainda possuir idade escolar. A título de comparação, ao tomar como referência o trabalho de Soares (2018), realizado com uma outra torcida organizada do Atlético, há diferenças importantes entre os perfis socioeconômicos dos integrantes desses dois grupos.

Ao contrário do que foi identificado no Movimento 105, no grupamento estudado pela referida autora, a maioria dos membros são moradores de uma região periférica de Belo Horizonte, marcada pela presença de altos níveis de criminalidade violenta. Assim, as oportunidades de estudo, trabalho e condições gerais de vida são um tanto quanto distintas daquelas apresentadas pelos membros da *barra* do Galo.

No que se refere aos papéis exercidos pelos membros, apesar das tentativas iniciais de não estabelecer hierarquias rígidas, há um grupo de torcedores identificados como pertencentes à diretoria da instituição. Formado por sete membros (sendo seis homens e uma mulher), esse coletivo representa a instância responsável pelo planejamento e tomada de decisões necessárias ao funcionamento do Movimento 105.

Seguindo o que é observado nas *barras* de outros países da América do Sul, é possível verificar, no interior da diretoria, a existência de um “chefe” ou “*capo*”, que é o indivíduo a quem se atribui um protagonismo na representação e nas decisões institucionais do grupo (Moreira, 2006). No caso do Movimento 105, essa função é atualmente ocupada por um integrante, do sexo masculino, que participou da fundação da torcida. Em suas atribuições, notamos que cabem a ele responsabilidades que vão desde o comando de atividades internas, até ao estabelecimento de contatos com o clube e com autoridades da segurança pública.

Importa dizer, no entanto, que por mais que exista uma voz de comando do *capo* e dos demais diretores, o 105 se faz existir pela participação ativa de todos os seus componentes. Sem histórico de envolvimento em episódios de violência ou confrontos com rivais, tal como o que ocorre em outras organizadas (Reis 1998, 2005; Pimenta, 2005) e nas *barras* (ZUCAL, 2006a, 2006b; MOREIRA, 2006; ALABARCES; ZUCAL; MOREIRA, 2008) nas quais se inspiram, a maneira mais evidente de demonstrar sintonia com o grupo, é através da disponibilidade em contribuir com as ações necessárias à sua dinâmica de funcionamento.

Na medida em que a torcida não possui um sistema de associados, a venda de materiais personalizados com os símbolos do grupo se coloca como sua principal fonte de renda. Camisas, casacos, chapéus e adesivos são, nesse contexto, os principais itens vendidos pelos torcedores. Juntamente com as vaquinhas, as caravanas e as festas realizadas pelo Movimento 105, aparecem como os meios de obtenção de receitas que, historicamente, vêm garantindo a cobertura dos gastos básicos da instituição. Para o sucesso dessas operações, é essencial o comprometimento do maior número possível de integrantes.

De forma adicional, há de se falar das tarefas que envolvem a participação nos jogos de futebol. Visualizadas como ocasiões em que os membros do Movimento 105 podem se expressar e ser reconhecidos como um grupo que apoia incondicionalmente o Atlético, tais situações exigem o envolvimento de todos os sujeitos que pertencem à essa torcida e se dirigem ao estádio para acompanhar uma partida do Galo.

Nesse contexto, para além do *capo* e dos diretores, outras lideranças podem surgir, tornando mais nítido um aspecto horizontal das relações dentro desse grupo. Exemplo disso pode ser visto na observação de sujeitos reconhecidos por estarem sempre presentes nos jogos, juntamente com aqueles que têm uma postura imponente para puxar os cânticos nas arquibancadas, alguma habilidade para tocar na banda ou, até mesmo, a vontade e disponibilidade de ajudar em outras ações que se façam necessárias.

Em todos esses casos, há uma valorização do torcedor e da importância de sua atuação em prol do Movimento 105. Contando com a organização interna, a participação em processos informais de aprendizado e a dedicação de cada integrante, diversos componentes contribuem para a construção das festas nas

arquibancadas. Para tanto, é fundamental a articulação dos componentes da torcida, que se comunicam ao longo da semana, no intuito de preparar as ações que serão realizadas no estádio. O resultado dessa junção de esforços é visto nas ações realizadas nos dias de jogos.

A atuação nos dias de jogos: os preparativos da torcida

Em todas as partidas disputadas pelo Galo na Arena Independência, a reunião dos membros do Movimento 105 Minutos acontece em uma casa antiga, localizada a cerca de 100 metros dos portões pelos quais essa torcida acessa o estádio. Representando, oficialmente, a sede de uma outra organizada do clube, essa edificação serve como ponto de encontro de diferentes torcidas que, em virtude do bom relacionamento que possuem, compartilham do mesmo espaço para guardar seus materiais. Faixas, bandeiras, mastros e instrumentos musicais são presenças marcantes nesse local que, apesar de simples, tem uma importância fundamental para esses grupos.

Com pouco espaço interno para o trânsito de pessoas, é comum que os membros das diferentes torcidas se reúnam do lado de fora da casa, tanto na frente, quanto nas proximidades do passeio que leva ao seu portão de entrada. Por lá, eles têm a visão de um pequeno jardim frontal, cercado por grades não tão altas, que marcam a separação entre a rua e a edificação. Passado o portão de entrada, há um corredor estreito seguido por alguns degraus de escada, que levam os torcedores até a porta da casa, que se abre para uma sala frequentemente destinada à realização de encontros e reuniões.

Em seu exterior não há nenhuma referência ao Atlético, nem às organizadas que utilizam do local. Como consequência, ao passar pela região em dias sem jogos, aquela parece ser uma casa como outra qualquer, habitada por moradores da região. Ainda que as torcidas que utilizam desse espaço não tenham histórico de envolvimento com violência, essa característica pode ser vista como uma medida de segurança, a fim de não chamar a atenção de grupamentos ou torcedores de equipes rivais.

No que diz respeito, especificamente, à rotina dos integrantes do Movimento 105 nos dias de jogos, cabe mencionar que os primeiros torcedores a chegarem ao local começam a se fazer presentes cerca de três horas antes do início

das partidas. Entretanto, não existe uma regra fixa quanto a isso. Em função do adversário, da importância do embate, do dia e do horário do jogo, podem ocorrer variações relativas à hora em que esses sujeitos se prontificam a chegar ao estádio. Desse modo, em confrontos realizados aos finais de semana ou cercados de maior expectativa, a antecedência que marca a reunião dos primeiros membros da torcida costuma ser maior.

Imbuídos de diferentes responsabilidades de ordem pessoal e profissional, os integrantes do Movimento 105 têm de conciliar suas rotinas com as atividades da torcida, o que acaba fazendo com que parte das definições sobre os preparativos para os jogos seja realizada via *WhatsApp*. Em grupos específicos, esses indivíduos combinam o horário de chegada, confirmam ou não suas presenças nas partidas e delimitam os responsáveis pelas principais tarefas que serão executadas nos dias de jogos. Uma vez acordadas, essas atividades costumam ser seguidas e respeitadas pelos membros da *barra* atleticana.

Dentro desse contexto, amarrar as barras e fixar alguma das faixas do grupo na arquibancada, se colocam como duas das primeiras ações a serem realizadas nos dias de jogos. Autorizados pelo Atlético e reconhecidos pela equipe de segurança do estádio, membros do Movimento 105 se dirigem até a Arena Independência com a missão de caracterizar o espaço que é tradicionalmente ocupado pela *barra* do Galo. Com os portões ainda fechados para a entrada do público, os torcedores organizados têm liberdade para transitar por diferentes setores do estádio, possibilitando, dentre outras coisas, a ampliação de seus sentimentos de familiaridade e pertencimento àquele local.

Nesse dia, ao chegar no lugar de encontro da torcida, cerca de 2h30 antes do início do jogo, percebi que as imediações da casa ainda estavam vazias. Sem nenhum conhecido por perto, me coloquei a observar a movimentação das pessoas pela rua, enquanto aguardava a chegada de algum integrante da torcida. Após pouco mais de 5 minutos esperando, vi dobrarem a esquina 2 membros que estavam amarrando as faixas do Movimento 105 no estádio. Indo em direção a eles, os cumprimentei e passei a acompanhar a conversa. Demonstrando conhecimento e experiência na realização do trabalho que haviam acabado de desempenhar, eles comentavam sobre as formas de afixar as faixas e barras. Os melhores lugares para passar os tecidos e os jeitos mais eficientes de fazer os nós eram, então, algumas das informações compartilhadas entre eles. Entusiasmados, trocavam experiências acerca de métodos utilizados em diferentes jogos do Atlético. No meio disso, pude perceber quão importantes, gratificantes e significativas eram aquelas atividades para os torcedores (Diário de Campo – Atlético x Santos, 12/08/2018).

Uma vez realizadas essas tarefas, seus executores retornam à entrada da casa onde o Movimento 105 se reúne nos dias de jogos. Caso não existam novas demandas relacionadas à recepção de alguma torcida amiga, ou à realização de outras atividades que não foram previamente programadas, os membros do grupo acabam ficando livres para circular pelas imediações do estádio. Unindo-se aos demais torcedores atleticanos, eles se espalham pelas ruas no entorno do Independência, onde desfrutam de alguns instantes de tempo livre.

Para os torcedores organizados, entretanto, há algumas diferenças no que se refere às formas de vivenciar esses momentos. Por se perceberem como agentes ativos do cenário que envolve as partidas de futebol, eles mantêm um alto nível de atenção em relação às dinâmicas dos acontecimentos no entorno do estádio. Assim, ainda que também tenham períodos de descontração, estão alertas com relação aos eventos que ocorrem nas imediações do Independência.

Frequentemente marcados por estigmas que os rotulam como vagabundos, marginais ou criminosos (Soares, 2018), os membros de torcidas organizadas se tornam, muitas vezes, alvos de ações da polícia, mesmo que nada tenham feito para serem submetidos a qualquer tipo de abordagem. Como consequência, à medida que vão ampliando suas vivências nos estádios, acabam construindo um conhecimento aprofundado, não apenas sobre os comportamentos da polícia, mas de todos os atores que constroem o cenário de uma partida de futebol.

Por estarem comprometidos com a imagem e com as necessidades do grupo, alguns integrantes do Movimento 105 se dispõem a não realizar determinadas ações nos dias de jogos. Há, por exemplo, indivíduos que não consomem bebidas alcoólicas nessas ocasiões, em função de uma consciência acerca das responsabilidades que possuem na representação da torcida. Com atitudes como essa, além de tentarem se afastar de estereótipos negativos vinculados aos torcedores organizados, esses sujeitos procuram estar preparados para desempenhar tarefas e solucionar problemas para os quais possam ser solicitados.

Em comparação aos relatos acerca dos chamados “torcedores comuns”, nota-se que, para os integrantes do Movimento 105, a lógica de fruição dos

momentos que antecedem as partidas é marcada por sentidos diferentes. Por fazerem parte de um coletivo, cuja sensação de pertencimento se encontra aflorada pelo trabalho que desempenham em prol do funcionamento do grupo, não é possível desvincular suas vivências, da identidade que possuem enquanto torcedores organizados.

Conhecidos por integrantes de outras torcidas e trajados com camisas e/ou outros objetos personalizados com os símbolos do 105, esses sujeitos não se percebem como pessoas anônimas diante de uma multidão de torcedores. Para eles, andar pelas ruas no entorno da Arena Independência é como estar em uma vizinhança onde circulam vários rostos familiares, com os quais compartilham trajetórias e vivências em comum.

As relações de socialização que esses sujeitos estabelecem, envolvem, então, o universo vivenciado pelas torcidas organizadas. Rememorar experiências vividas em situações de celebração ou dedicação ao Galo é um ato presente no círculo de socialização desses indivíduos. A participação em caravanas a preparação dos materiais de jogo, a presença em festas das torcidas e até mesmo a vivência de situações que envolvem perigos ou conflitos com outros torcedores, são valorizadas e contadas com orgulho pelos integrantes do Movimento 105.

Com a aproximação do horário da partida, esses momentos vão, aos poucos, se encerrando. Dotados de um senso de responsabilidade e comprometimento com o coletivo, cerca de uma hora antes do início do jogo, esses sujeitos começam a se concentrar nas proximidades da casa onde ficam guardados os materiais. Nos instantes seguintes, intensificam-se os preparativos para a seleção dos artefatos que serão levados ao estádio.

Gradativamente, começam a surgir as bandeiras, os mastros, as bandeirolas e os instrumentos musicais que acompanharão a torcida durante a realização da partida. Colocados no passeio sob os olhares de parte dos integrantes do Movimento 105, esses objetos começam a ser transportados para a Arena Independência com aproximadamente quarenta minutos de antecedência em relação ao apito inicial.

Refletindo sobre a materialização dessas ações, é possível dizer que quem toma a frente das demandas operacionais são quase sempre as mesmas pessoas.

Os diretores e o *capo* acabam tendo responsabilidades maiores na realização dos afazeres da torcida. Na maioria das vezes são eles quem chegam mais cedo, coordenam e participam da realização das tarefas essenciais nos dias de jogos.

Entretanto, vale destacar que, para a efetivação desses acontecimentos, se fazem presentes contribuições de outros integrantes da torcida, revelando que, mesmo entre os membros comuns, há indivíduos que apresentam um alto nível de engajamento com o Movimento 105. Por não ter definições formais sobre os papéis ocupados por cada componente, a proatividade e o comprometimento desses torcedores se colocam como aspectos fundamentais para que a *barra* do Galo continue existindo e realizando suas festas nas arquibancadas.

Tal como mostrado por Teixeira (1998), o entendimento de que é necessário se dedicar à torcida, é um atributo presente nas conexões que membros de organizadas estabelecem com o grupamento ao qual eles fazem parte. Marcados por uma sensação de pertencimento coletivo, esses sujeitos sentem-se contentes por poderem ajudar o grupo, o que acaba fazendo com que muitos torcedores coloquem as atividades da torcida em um patamar de destaque na ordem de suas vidas.

Hoje eu vejo que tenho um papel importante no 105. Comecei do nada, mas sempre bem ativo, comprometido com as coisas do grupo e hoje eu tenho uma voz importante lá dentro. Vejo que as pessoas me perguntam as coisas... muita gente mais velha e eu tô lá, às vezes instruindo, mostrando como faz alguma coisa. E vejo como isso é um negócio que eu construí com o tempo, sempre participando de todas as atividades. (...) Então, enquanto pra um torcedor comum o jogo é só no dia, a gente passa a semana inteira pensando e preparando aquilo que vai fazer na arquibancada (T-5).

Por fim, tal como visto nos depoimentos acima, ainda que as vivências em uma torcida organizada possam ser compreendidas como algo capaz de proporcionar alegria e satisfação pessoal, para os indivíduos que têm um envolvimento maior com o grupo, elas representam, também, a assunção de compromissos e responsabilidades. Para se tornar aceito, reconhecido e respeitado nesse meio, o indivíduo precisa mostrar seu valor perante os pares, fato que se relaciona diretamente aos esforços dedicados às atividades da torcida e à assimilação dos ideais valorizados pelos componentes da instituição. As experiências vividas nos jogos são, nesse sentido, essenciais para a materializar essa relação de pertencimento.

As vivências no interior do estádio

Ao adentrarem no estádio com os materiais, os integrantes do Movimento 105 Minutos iniciam um dos momentos mais importantes de suas vivências junto ao grupo. É possível dizer, que estar na arquibancada representa a possibilidade de vivenciar situações diretamente relacionadas aos ideais da *barra* do Galo, visto que as manifestações de apoio ao Atlético constituem um elemento fundamental em meio aos anseios dos participantes dessa torcida.

Como consequência, assim que se instalam no local onde tradicionalmente ficam nos dias de jogos, os membros do Movimento 105 começam a preparar os objetos que serão utilizadas ao longo da partida. Pouco a pouco, as bandeiras são fixadas nos mastros, os instrumentos retirados de suas capas e as bandeirolas distribuídas para integrantes e torcedores comuns espalhados pelas arquibancadas. Apesar da importância dessas ações, tudo ocorre em um clima de tranquilidade, com espaço aberto para conversas e brincadeiras entre os componentes da torcida.

Acessando o estádio pelo portão 3, no setor chamado oficialmente de Especial Pitangui, os integrantes do 105 se instalam no terceiro bloco de cadeiras, tomando-se como referência o sentido que vai da extremidade aberta, em direção à parte fechada do Independência. Ao adentrar no corredor que leva aos assentos, não é difícil notar essa torcida. Além da posição privilegiada ocupada, nas proximidades da linha de marcação do meio de campo, há de se destacar a presença das barras, que estão colocadas sobre o espaço ocupado pelo grupamento em questão. Diferentemente de todas as outras partes da Arena Independência, esse é o único local onde existe a utilização desse tipo de artefato.

À medida que se aproxima o horário de início do jogo, os membros responsáveis pela banda começam a puxar as primeiras músicas de apoio ao Atlético. Marcadas pela cadência características das *barras*, essas canções são acompanhadas pelos demais integrantes do Movimento 105, juntamente com alguns outros torcedores que assistem aos jogos naquela região do estádio. Nesse momento, as bandeiras e bandeirolas também começam a tremular nas arquibancadas, dando o tom da identidade sonoro-visual que caracteriza a *barra* do Clube Atlético Mineiro.

Quando é chegada a hora das equipes entrarem em campo, as organizadas do Atlético têm o costume de levar suas bandeiras até o vidro que separa o campo das arquibancadas. Nesse espaço, elas formam um extenso corredor composto por imagens e símbolos de diferentes torcidas, criando um belo efeito visual para recepcionar os jogadores. Assim que esses indivíduos adentram no gramado, uma agitação toma conta do Independência, caracterizando-se pela presença de um intenso foguetório e de diversos gritos de apoio ao Atlético.

Nesse instante, os integrantes do Movimento 105, em conjunto com os demais torcedores atleticanos, se preparam para cantar o hino de seu clube. Entoadado de forma concomitante à execução do hino nacional, esse cântico revela uma interessante característica do pertencimento clubístico, que, pelo menos naquela situação, se sobrepõe à identificação com um importante símbolo pátrio.

De pé sobre as cadeiras, os integrantes do Movimento 105 preenchem parte do espaço delimitado pelas três barras alvinegras que essa torcida tradicionalmente leva aos jogos. Colocando-se em uma posição fisicamente superior àquela ocupada pelos demais torcedores, esses sujeitos formam um bloco que se destaca na arquibancada, tanto pela postura, quanto pelos comportamentos apresentados por seus membros. Através de cantos e gestos, eles buscam manifestar o amor que sentem pelo Galo, utilizando representações que imaginam se aproximar dos modos de torcer característicos das *barras*.

A cadência das músicas é um ponto importante desse jeito de torcer. Porque nós temos o ideal de apoiar e cantar pelo Atlético o tempo todo, mas ninguém dá conta de cantar naquela explosão o jogo inteiro. (...) Então, já no início, alguns integrantes tiveram essa ideia desse canto mais cadenciado, que é característico das *barras*. E com ele a gente consegue manter o ritmo e seguir apoiando durante os 105 minutos do jogo (T-9).

Guiados por essas noções, os membros do Movimento 105 procuram cantar do início ao fim do jogo, sem se importarem com o placar da partida, ou com o desempenho do Atlético dentro de campo. Paralelamente a isso, costumam movimentar um dos braços juntamente com as batidas que marcam os tempos das músicas. Na execução desse gesto, deixam um ombro parcialmente fletido, enquanto estendem e flexionam o cotovelo no ritmo das canções. Usualmente utilizado pelos *hinchas* de equipes hispano-americanas, esse movimento é

conhecido pela denominação de “alento” e é reproduzido ao longo dos jogos pelos componentes da *barra* atleticana.

Para além dessas questões, ao observar as reações e os comportamentos desses torcedores durante os jogos, é notável a existência de um sentimento de alegria sendo compartilhado por eles. No decorrer das canções que propagam durante os jogos, escapam sorrisos e olhares de aprovação entre os membros do Movimento 105, o que, de certo modo, pode ser visto como formas de manifestar uma satisfação por estarem desempenhando ações que vão em direção ao ideal que possuem sobre o torcer.

Dentro desse contexto, os cânticos vão se revezando e sendo puxados por diferentes membros da torcida. Sem uma definição explícita de quem deve comandar a escolha das músicas, é possível notar a presença de integrantes que, pela entonação de voz ou pelo espírito de liderança, acabam se colocando na linha de frente para o exercício desse papel. Entretanto, caso outros torcedores se mostrem interessados e capazes de desempenhar essa função, eles podem também fazer essa regência.

Eu vim pro Movimento 105 porque eu sou um torcedor que gosta de apoiar a equipe. Não é sempre que eu posso estar presente nos jogos, mas, no estádio, eu gosto de cantar, de chamar a torcida. Não é nada planejado, nem uma função que alguém me deu. Mas eu me sinto no dever de chamar as pessoas, de gritar, pra gente conseguir ajudar o Galo dentro de campo. E aí, eu até vejo que quando eu tô na arquibancada, as vezes o pessoal olha pra mim, esperando que eu dê um grito chamando a próxima música (T-1).

Por outro lado, quando são notadas atitudes que se desviam das expressões de apoio incondicional ao Atlético, as reações desses torcedores se tornam diferentes. Para os integrantes do Movimento 105, não cantar durante a partida é algo que se opõe à ideologia do grupo. Assim, quando esse comportamento é percebido na arquibancada, é comum que os próprios componentes da torcida cobrem daquele indivíduo que não está seguindo o modo de agir esperado e valorizado por eles.

No que se refere aos torcedores comuns, as reações mais explícitas acontecem quando estes começam a vaiar a equipe ou a criticar efusivamente algum jogador do Atlético. Nessas ocasiões, pode haver discussões entre os membros do Movimento 105 e aqueles torcedores que estão se manifestando “contra o Galo”. Em outros casos, verifica-se ações no sentido de abafar as

manifestações negativas, o que é feito por meio da ampliação da intensidade dos cânticos emitidos pela *barra* atleticana.

De modo adicional, vale destacar que há, também, situações em que os torcedores comuns se incomodam com as manifestações dos integrantes dessa torcida. Tremular as bandeiras durante o andamento das partidas, ou se colocar de pé sobre os assentos do estádio, são atitudes que, vez ou outra, provocam a irritação de pessoas que têm sua visibilidade prejudicada por esses comportamentos. Quando isso ocorre, é comum que surjam discussões entre esses espectadores e os integrantes do Movimento 105, que, por estarem em maior número, acabam se impondo e fazendo prevalecer o seu modo de torcer.

Ainda sobre isso, é possível dizer que as barras com as cores do clube também constituem elementos que provocam essa perda de visibilidade. Estendidas sobre as cadeiras, elas acabam por atrapalhar a visão de alguns setores do campo, gerando reclamações por parte de alguns torcedores, que pedem para que elas sejam abaixadas ou, em casos mais extremos, tentam retirá-las à força. Em tais situações, os membros com posição de liderança são quem se prontificam a solucionar os problemas.

Conhecidos pelos profissionais que trabalham no estádio, eles têm todo um aparato que lhes permite agir sem muito alarde, no sentido de fazer com que as coisas retornem à normalidade. Na medida em que há uma permissão do Atlético para que os artefatos das torcidas sejam colocados nas arquibancadas, a resolução é geralmente no sentido de convencer o torcedor a trocar de lugar, visto que existe uma tradição em caracterizar aquele espaço com os materiais do Movimento 105.

A partida se desenrolava sem grandes emoções dentro de campo, enquanto, na arquibancada, os integrantes do 105 cantavam as músicas tradicionalmente utilizadas para apoiar o Atlético. No entanto, passados pouco mais de dez minutos do início do jogo, comecei a ouvir alguns gritos diferentes, que vinham de pessoas que pareciam estar na região das cadeiras localizadas alguns degraus atrás de mim. Ao me virar na direção dos ruídos, me deparei com uma discussão entre torcedores e, rapidamente, pude verificar o deslocamento de alguns membros do Movimento 105 para as proximidades do local do desentendimento. Lá, era possível visualizar um torcedor mais exaltado, exigindo que as barras fossem retiradas da arquibancada. Com a justificativa de que aqueles objetos estavam tirando sua visão do campo, ele tentava fazer valer sua vontade, ao passo que encontrava integrantes da torcida argumentando que as barras não seriam retiradas, pois havia autorização para que elas fossem colocadas

naquele local. Sem chegar a um acordo, antes que as coisas tomassem uma dimensão maior, um líder do Movimento 105 apareceu acompanhado de um segurança do estádio. Embora eu não tenha conseguido captar o conteúdo da conversa, o torcedor parece ter sido convencido a mudar de lugar, pois se retirou daquele espaço, permitindo que o Movimento 105 permanecesse normalmente no local (Diário de Campo - Atlético x Vasco, 23/08/2018).

Por se posicionarem em um setor onde torcedores comuns e torcidas organizadas compartilham o mesmo ambiente, os integrantes do Movimento 105 têm de conviver com diversos tipos de pessoas, portadoras de diferentes anseios acerca da experiência de assistir à uma partida de futebol no estádio. Previamente unidos pela identificação com o Atlético, esses indivíduos podem entrar em embates em virtude de possuírem concepções conflitantes sobre suas formas de manifestar torcer. Entretanto, ainda que existentes, essas situações não ocorrem em todas as partidas, de modo que é possível dizer que o respeito e a cordialidade predominam nas relações entre esses indivíduos.

Uma vez encerrada a partida, enquanto a maioria dos torcedores vai embora, os membros do Movimento 105 permanecem no estádio, com o intuito de recolher seus materiais. Começa, então, um trabalho coletivo de cerca de 20 ou 30 minutos de duração, que culmina na retirada das barras e faixas, no desprendimento das bandeiras e no recolhimento das bandeirolas e dos instrumentos musicais. Assim como a participação ativa durante o jogo, essas atividades também são valorizadas pelos torcedores, na medida em que mostram a dedicação e o engajamento dos integrantes para com as necessidades da torcida.

Com todos os materiais reunidos, os integrantes da *barra* do Galo partem rumo à casa localizada nas proximidades da Arena Independência, onde deixam esses objetos guardados até a próxima partida do Atlético. Finalizadas as ações relativas ao jogo, há indivíduos que saem juntos para comer e conversar sobre assuntos diversos, mostrando que alguns laços criados pela torcida podem extrapolar a convivência diretamente vinculada ao âmbito futebolístico. Nesse sentido, além de se inserirem em um grupo onde recebem influências para compartilharem um determinado modo de torcer, esses sujeitos desenvolvem relações pessoais que compõem diferentes dimensões de suas vidas.

Considerações finais

Ao final desse trabalho, é possível dizer que o modo de torcer que caracteriza os integrantes do Movimento 105 Minutos, é representado por manifestações que buscam expressar o amor e o apoio incondicional ao Clube Atlético Mineiro. Com a expectativa de se apresentarem como seres apaixonados, dispostos a empurrar e a vibrar sua equipe em qualquer situação, os integrantes desse grupo se unem, fazendo da manifestação coletiva uma forma de dar vazão aos seus anseios como torcedores.

Para tanto, se baseiam em determinadas imagens sobre um modo de torcer característico de organizações conhecidas como *barras* ou *hinchadas*, focando, especificamente, naquelas existentes na Argentina. Reconhecidas como instituições que comportam torcedores fanáticos, que apoiam suas equipes durante todos os minutos dos jogos independentemente dos resultados, essas torcidas possuem características que vão de encontro aos ideais dos integrantes do Movimento 105.

Na busca por aproximar suas ações à estética das festas promovidas pelas *barras*, esse grupo utiliza, primordialmente, de objetos, canções, gestos e comportamentos para marcar seu modo de torcer dentro dos estádios. Posicionando-se sempre em um mesmo setor da Arena Independência, os integrantes dessa torcida ficam cercados por materiais que funcionam como elementos de identidade e identificação do grupo ao qual pertencem. Comumente chamados de patrimônios, esses objetos são representados por faixas, barras, bandeiras, bandeirolas, trapos e instrumentos musicais.

De forma complementar, é preciso destacar o papel das músicas e da atitude dos membros dessa torcida na arquibancada. Juntos aos artefatos anteriormente citados, esses aspectos também integram o modo de torcer que caracteriza o grupo estudado. Sobre eles, podemos dizer que as canções possuem ritmos mais cadenciados, quando comparados ao que se ouve nas músicas das organizadas brasileiras, o gestual é marcado pelo alento em detrimento das palmas e as letras das músicas focam, principalmente, em mensagens onde os integrantes do Movimento 105 declaram o amor e o apoio incondicional dedicado ao Atlético.

Fora do ambiente dos estádios, por sua vez, é possível notar a presença de outros elementos que caracterizam o torcer compartilhado pelos integrantes do grupamento estudado. Apropriando-se de uma forma diferente dos momentos de lazer e socialização passíveis de serem vividos em um estádio de futebol, os integrantes da *barra* do Galo têm que se comprometer com atividades fundamentais ao funcionamento da torcida. Chegar antes ao estádio, afixar as faixas nas arquibancadas, levar e recolher os demais materiais são, nesse contexto, ações que necessitam da contribuição de todos os torcedores.

Por fim, é importante demarcar que, na construção do modo de torcer que caracteriza esse grupo, há uma interação entre influências das *barras* e das torcidas organizadas. Inspirados nos grupamentos de países vizinhos, os integrantes do Movimento 105 adaptam determinadas referências às condições encontradas, tanto na torcida atleticana, quanto na sociedade brasileira. Sendo assim, mesmo possuindo algumas diferenças marcantes, são reconhecidos entre as outras torcidas como mais uma organizada do Galo. Como consequência, sofrem dos mesmos estigmas aos quais estão sujeitos os integrantes dessas instituições. Comumente reconhecidos como violentos e criminosos, esses sujeitos travam constantes batalhas para transformar as imagens com as quais são frequentemente retratados na sociedade.

Referências

ALABARCES, P.; ZUCAL, J. G.; MOREIRA, M. V. El “aguante” y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 30: 113-136, 2008.

ALABARCES, P.; COELHO, R.; ZUCAL, J. G.; GUINDI, B.; LOBOS, A.; MOREIRA, M. V.; SANGUINETTI, J.; SZRABSTENI, Á. “Aguante’ y represión. Fútbol, violencia y política en la Argentina”. In: ALABARCES, P. (Org.). **Peligro de Gol: Deporte y Sociedad em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO. p. 223-243, 2000.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, 2013. p. 246-270.

HOLLANDA, B. Buarque de. Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação. **Razón y Palabra**. Cidade do México, n.69: 1-18, 2009.

DAMO, A. S. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, 1998.

GRABIA, G. **La Doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

LOPES, F. T. P.; CORDEIRO, M. P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 9, n. 104: 75-83, 2010.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MAGNANI, J. G. C. São Paulo: de perto (e de dentro) é outra cidade. **Ponto.Urbe** (USP), v. 18: 1-16, 2016.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MOREIRA, M. V. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCES, P.; CONDE, M.; DODARO, C. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros. p. 75-89, 2006.

PIMENTA, C. A. M. Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbolologías**: fútbol, identidade y violência em América Latina. Buenos Aires: CLACSO. p. 41-58, 2005.

REIS, H. H. B. dos. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In: DAOLIO, J. (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados. p. 105-130, 2005.

REIS, H. H. B. dos. **Futebol e Sociedade**: as manifestações da torcida. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas: Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1998.

SOARES, F. C. **Cultura desviante e juventude**: a torcida organizada como instrumento de domínio territorial. Tese de Doutorado em Sociologia. Belo Horizonte: FAFICH, UFMG, 2018.

SOUZA NETO, G. J. de. **Do Prado ao Mineirão**: a história dos estádios na capital inventada. 2017. 244 f. Tese de Doutorado em Estudos do Lazer. Belo Horizonte: EEEFTO, UFMG.

TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ, 1998.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados /Anpocs, 1996.

ZUCAL, J. G. Pibitos choros, fumancheros y con aguante: el delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol. In: ALABARCES, P.; CONDE, M.; DODARO, C. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros. p. 39-58, 2006^a.

ZUCAL, J. G. Soy Macho porque me la aguanto: etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino. In: ALABARCES, P.; CONDE, M.; DODARO, C. **Hinchadas**. 2 ed. Buenos Aires: Prometeo Libros. p. 59-72, 2006b.